

Uma cidade pede água

O forte calor e o clima ainda muito seco de ontem, apesar do céu ter estado azul e livre de névoa durante todo o dia, serviram apenas para confirmar a previsão não oficial do Instituto Nacional de Meteorologia sobre o final do período seco: outubro. Se a perspectiva de chegada das chuvas se confirmar, serão quase quatro meses ininterruptos sem uma única gota d'água. Brasília vive o drama de um dos períodos mais secos de toda sua história.

Este ano, a umidade relativa do ar — medida que determina a quantidade de vapor d'água na atmosfera — esteve excepcionalmente baixa na região do Distrito Federal, tendo atingido 13% às 14h do dia 27 de agosto, nível só comparável aos registrados em três outras oportunidades: 6 de setembro de 69, 20 de agosto de 73 e 15 de junho de 85. Para agravar ainda mais esta situação, o último mês de agosto foi, em média, dois graus centígrados mais quente que os anteriores, com temperaturas de até 31 graus, o que acentuou a sensação térmica de desconforto pela secura e calor.

O mal-estar físico, traduzido por cansaço, boca seca, desânimo, perda de líquidos pela transpiração, pode levar a crises de pressão baixa e de pedras nos rins. As dificuldades respiratórias se acentuam e, muitas vezes, com a obstrução nasal, as pessoas são forçadas a respirarem pela boca, o que vai facilitar a ocorrência de irritação da orofaringe levando a amigdalites e pneumonias. Estas infecções são mais frequentes nesta época do ano também pela maior permanência dos microorganismos no ar, já que não há chuva para "limpá-lo".

O médico Renato Viscardi, da Fundação Hospitalar, e do Inamps, acredita que as variações rápidas e intermitentes da umidade relativa do ar, com 95% nas primeiras horas da manhã e 15 ou 20% seis horas após, são mais danosas que a própria secura e impedem que as mucosas orgânicas possam sofrer qualquer processo de adaptação, o que criaria uma proteção natural às pessoas.

NEVOA É POEIRA

Além dos transtornos físicos, existe uma sensação de opressão, muito provavelmente devida à névoa seca que envolve a cidade, toldando o azul do céu em um cinza permanente, sem nuvens e sem sol. Os me-



A névoa na paisagem: apenas poeira em suspensão

eteorologistas falam dessa névoa como "poeira em suspensão" e a explicam como resultado das numerosas queimadas que são realizadas intencionalmente pelos agricultores ou pelos incêndios nesta época do ano na região do cerrado. As queimadas da Amazônia são as que mais contribuem para formação da poeira em suspensão sobre Brasília, devido às correntes de ar provenientes do Norte.

Segundo Exedito Rebelo, do Instituto Nacional de Meteorologia, a secura do inverno de Brasília acontece por fenômenos atmosféricos comuns. Uma zona de alta pressão, que vem do Oceano Atlântico, bloqueia as frentes frias que vêm do Sul e impede que "desçam" as nebulosidades provenientes do Norte e Nordeste, impossibilitando a formação de chuvas.

A última precipitação de chuvas na cidade foi no dia 25 de junho, e de lá para cá a umidade só fez baixar e a temperatura subir. Em Brasília, são encontrados os valores mínimos de umidade relativa do ar do Brasil, e nem mesmo o sertão nordestino, cuja média diária é de 30%, alcança os 13% de Brasília, que mantém, entretanto, uma média de umidade do ar mais elevada, considerando-se a medida de um dia inteiro (cerca de 48%).

Um trabalho científico

realizado por pesquisadores da UnB registrou em 13 de setembro de 1969 o mais baixo valor de umidade do ar (9%) que não foi considerado oficialmente por suspeita de tratar-se de erro do observador.

Dados como esse trazem à mente comparação com áreas desérticas, como o Saara — o que, segundo Exedito Rebelo, é incorreto, pois "lá não chove, não tem vegetação e a temperatura é muito mais elevada, ficando entre 40 e 50 graus centígrados". Mesmo como estas características diferentes, cabe a informação que o Saara registra um mínimo de umidade relativa do ar de 5% e a média do dia fica em torno de 20%. Nas horas mais quentes, a média de Brasília é de 20 a 25%.

LIMITES CRÍTICOS

A Organização Meteorológica Mundial, órgão das Nações Unidas que normatiza as regras da meteorologia nos continentes, estabeleceu que, quando a umidade relativa do ar chega aos 30%, a população deve ser avisada, para que possa tomar suas precauções. No entanto, quando atingir aos 12%, a OMM recomenda que seja interrompido o trabalho, principalmente o mais pesado, que exige maior esforço físico.

Para o major Liparizi, da Coordenação da Defesa Ci-

vil do GDF as ocorrências deste ano estão levando a defesa civil a planejar o que deve ser feito no caso da umidade do ar cair abaixo dos 13%. Lembrou o major, entretanto, as condições peculiares de Brasília como capital do País: "Apenas se fosse decretado estado de calamidade pública ou algo similar é que o Governador do Distrito Federal poderia se sentir em condições de solicitar ao Palácio do Planalto, ou seja, ao próprio presidente da República, e às embaixadas sediadas em Brasília, que interrompessem o trabalho. Desse modo, o sistema de defesa civil deve pesar muito bem as implicações decorrentes de qualquer medida que venha a ser tomada".

Nos hospitais da Fundação Hospitalar, os atendimentos de emergência de algumas clínicas aumentaram bastante de junho para agosto. A clínica de otorrinolaringologia foi procurada por mais 15% de doentes, as clínicas de adultos e crianças tiveram um acréscimo de 10% de pacientes em média, mas a que registrou maior aumento foi a urologia, que atendeu 252 pacientes em junho e 504 em agosto, ou seja dobrou o número de doentes com problemas urinários, a maior parte por causa de cálculos renais.

RECESSO NOVO

Dentro deste quadro, o professor Fábio Bruno, secretário de Educação, comentou a possibilidade de mudança do calendário escolar, deslocando-se as férias de meio do ano para o mês de agosto, a partir de 88. Bruno informou que a mudança do calendário escolar de Brasília é pensada desde 61, porém existem problemas a serem solucionados, como as férias dos pais, as transferências de e para outras cidades e a metodologia de ensino por bimestre, que obedece legislação nacional.

O secretário acredita que é possível, inclusive, que sejam realizados dois recessos, de quinze dias cada, em julho e agosto, mas que antes de qualquer posição neste sentido, devem ser avaliados os conteúdos e consequências educacionais e sociais.

"Vamos iniciar estudos com a Secretaria de Saúde, a Defesa Civil e demais órgãos do Governo do Distrito Federal para avaliar se o rendimento dos alunos realmente baixou, qual o comportamento dos alunos, qual o desejo dos pais e o que pensa a comunidade", concluiu Fábio Bruno.